

O mundo não anda para trás

Aspectos da criação e dos avanços da Universidade Federal de Sergipe

Angelo Roberto Antonioli*

Resumo

Este artigo versa sobre a criação da Universidade Federal de Sergipe, na década de 1960. Os embates ideológicos que permearam o processo de criação demandaram um bom lapso de tempo. Duas correntes opostas disputaram as atenções e puseram-se em movimento. Razões de ordem política também causaram interferência. Aos poucos, contudo, a situação foi sendo contornada para prevalecer o pensamento do governo federal. Do mesmo modo, o artigo aborda os avanços da UFS, ao longo dos cinquenta anos de sua existência. A criação da Universidade Federal de Sergipe atendeu a uma antiga aspiração da sociedade sergipana. Nos últimos anos, ela começou a expandir-se para o interior. Ao todo, são seis Campi em funcionamento.

Palavras-chave: Universidade; Ideologias. Criação.

Abstract

This article deals with the creation of the Federal University of Sergipe in the 1960s. The ideological clashes that permeated the creation process required a good lapse of time. Two opposing chains fought the attention and set off. Political reasons also caused interference. Gradually, however, the situation was being circumvented to prevail the thinking of the federal government. Likewise, the article addresses the UFS 'advances over the fifty years of its existence. The creation of the Federal University of Sergipe met an old aspiration of Sergipe society. In recent years, it has begun to expand inland. In all, there are six Campi in operation.

Keywords: University; Ideologies; Creation.



* Doutor em Farmacologia pela USP. Reitor da Universidade Federal de Sergipe - UFS.

Introdução

O mundo não anda para trás. Aliás, andar para trás não seria andar: seria desandar. A História não sai por aí de marcha à ré. Do contrário, não seria História. Os homens e as mulheres aprenderam, desde cedo, a conquistar. Conquistas maiores ou menores, mas, sempre conquistando. Se há conquistadores, há, também, conquistados. Porém, em certos processos de conquista, o gáudio apresenta-se para todos. É o caso de uma das maiores conquistas da Humanidade: a comunicação.

Ao longo do processo evolutivo, os homínídeos foram conquistando coisas e situações. No dito mundo natural, eles foram, aos poucos, edificando o mundo cultural. Para tanto, o poder da comunicação foi algo grandioso para a espécie humana. Comunicar-se, pode-se dizer, trouxe a redenção a essa espécie, que acabaria se destacando diante de todas as outras existentes no planeta Terra. Os processos comunicativos foram se estabelecendo de modos diversos. Os gestos, os sinais de fumaça, os tambores soando alto nas florestas e todas as formas primitivas de comunicação que os seres humanos souberam usar, de início, fizeram deles seres especiais e únicos dentre todos os demais seres vivos.

Por fim, a fala. O poder de comunicar-se articulando palavras e frases foi um ganho extraordinário para esses seres bípedes, que conquistaram o mundo. Depois, veio o registro dos seus feitos através das pinturas rupestres e da escrita.

As potencialidades da inteligência distinguiram os seres humanos dos outros animais. Nenhum outro ser “inteligente”, para quem admite a existência de “inteligência”, mínima que seja, em alguns animais, compara-se ao homem. Nenhuma outra espécie chegaria aonde os seres humanos chegaram. De fato, nenhuma outra espécie de animal pôde construir o saber. Isto ficaria reservado aos homens e às mulheres. Nenhuma outra espécie edificou escolas para o seu aprendizado. Nenhuma outra espécie sabe o que é uma Universidade. Os homens vieram da “Edubba”¹ sumeriana, tida por alguns estudiosos como a escola formal mais antiga, para as modernas Universidades, templos memoráveis do conhecimento sistematizado.

As Universidades não são tão antigas quanto a “Edubba”, sendo esta datada de alguns milênios, mas já são, aquelas, senhoras de muita idade. No Brasil, contudo, as Universidades são novas. Nasceram no século XX, ao passo que o ensino superior data do século anterior. As nossas Universidades ainda caminham para celebrar o seu primeiro século de existência. Em Sergipe, mal chegamos à primeira metade de uma centúria.



1 <https://cpantiguidade.wordpress.com/2010/03/02/educacao-na-mesopotamia/>Acesso em 27/03/2018.

A luta por uma Universidade

Não foi pacífica a criação da Universidade Federal de Sergipe, até agora, a única Universidade pública em terras sergipanas. Muitas foram as discussões. Muitos foram os embates. Muitas as desavenças no plano das ideias. Confrontos verbais não faltaram. Em situações que tais, até as ideologias se defrontam cegamente. Ao bem da verdade, ideologias nem sempre têm “olhos de ver”. Elas nem sempre “enxergam”, ou fazem com que as pessoas enxerguem com largueza. As ideologias às vezes fazem as pessoas tatearem. Elas, as ideologias, podem se erguer monstruosamente e, assim mesmo, podem desabar. Conservadoras, moderadas ou progressistas, as ideologias inspiram situações que podem, ou não, levar as pessoas a darem passos seguros. E quando se tratam de ideologias políticas, ou eivadas de conotações políticas circunstanciais, os subjetivismos e os personalismos afloram como ervas daninhas no meio de boas sementeiras.

A criação da Universidade Federal de Sergipe foi precedida de muitos embates, nos anos 1960. Calorosos. Desafiadores. Pensamentos opostos. Aspirações díspares. No fundo, duas correntes se destacaram, amiguadas, ambas, por algumas conotações periféricas. Uma corrente tinha sua liderança maior na pessoa do Bispo Auxiliar de Aracaju, Dom Luciano José Cabral Duarte, diretor da Faculdade Católica, e que viria a ser, depois, Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Aracaju (1971-1998). Costumava-se dizer que Dom Luciano Duarte representava as forças conservadoras. Ele tinha, todavia, um norte traçado, que atendia ao que preconizavam as diretrizes do governo federal para o ensino superior e, em particular, para a criação de Universidades, tanto na era do governo de João Goulart, quanto nos anos seguintes em que o militarismo governava o Brasil. Do lado oposto ao prelado, despontavam estudantes, professores e outros segmentos sociais, que se posicionavam contra o anteprojeto elaborado pelo Bispo Duarte, ou por ele coordenado. Uma das vozes contrárias ao referido anteprojeto era a do professor e diretor da Faculdade de Medicina, Antônio Garcia Filho, católico, mas, nem por isso, adepto do pensamento do Bispo Auxiliar no que dizia respeito à criação da Universidade. A Faculdade de Direito, de natureza autárquica, também resistia à criação nos moldes preconizados pelo Bispo. Deu-se um embate entre os dois líderes através da imprensa:

Era o começo de um verdadeiro enfrentamento entre as posições que defendiam a ampliação do debate e as que o restringiam. Em meio às notícias de viagens de Dom Luciano para o Rio de Janeiro, em busca de obtenção da aprovação do projeto, discussões eram travadas, entre Antônio Garcia Filho e Dom Luciano Duarte. Os dois expunham suas opiniões acerca do processo de criação da UFS nas páginas dos jornais *Gazeta de Sergipe*, *Diário de Aracaju* e *A Cruzada*.



Assim, ficava público o debate a respeito do conteúdo do anteprojeto da Universidade, bem como as divergências a respeito da condução da elaboração do anteprojeto, a ser encaminhado para o Conselho Federal de Educação (BRETAS, 2014, p. 87)².

Uma das divergências que, à época, devem ter se levantado, na criação de Universidades pelo governo federal, dizia respeito provavelmente à natureza jurídica dessas entidades da administração pública indireta. Uns argumentavam que o ideal seria dar às Universidades a natureza fundacional, como era o caso de Dom Luciano. Outros alegavam que o certo seria dar-lhes a natureza autárquica, como entendia Antônio Garcia. Nessa questão, pairava, naquele tempo, entendimentos jurídicos diferentes. As autarquias deveriam gozar de autonomia administrativa, a partir da própria nomenclatura. A palavra autarquia origina-se da justaposição de dois elementos gregos: *autós* (= próprio) e *arquia* (=governo, comando, direção), significando autogoverno, de acordo com CRETELLA JÚNIOR (*Apud* DI PIETRO, 2015, p. 533)³. Parece ter sido usada, pela primeira vez, em 1897, na Itália, por SANTI ROMANO, na Enciclopédia Italiana, quando aquele mestre italiano dissertou sobre a descentralização administrativa. MARCELLO CAETANO, contudo, afirma que SANTI ROMANO apresentou a fórmula da autarquia em 1906 (1997, p. 191)⁴.

Por seu turno, as fundações não gozariam da mesma autonomia que era detida pelas autarquias. Temia-se, então, que as fundações ficassem a reboque do Ministério da Educação. Ledo engano. Tanto as autarquias quanto as fundações eram, como ainda o são, vinculadas a um órgão público (Ministério, no caso federal, ou Secretaria, no caso estadual, distrital ou municipal). Em suma, salvo algumas particularidades, autarquias e fundações equivalem-se. Ao menos, para fins de suporte orçamentário-financeiro que advém da administração direta, no caso específico das Universidades federais.

Bem. Ao que tudo indicava as duas Faculdades mais expressivas em termos de visibilidade social, Medicina e Direito, sem desmerecer as demais, pois cada uma tinha a sua importância no seio da sociedade sergipana, juntavam-se contra o anteprojeto conduzido por Dom Luciano Duarte. Sem dúvida, eram duas forças consideráveis. Professores e alunos formavam fileiras contra a forma como era conduzida a situação. Todavia, o Bispo tinha muita força. Isso era inegável.

2 BRETAS, Silvana Aparecida. *A Criação da Universidade Federal de Sergipe – história, política e formação da comunidade acadêmica (1950-1970)*. São Cristóvão (SE): Editora UFS, 2014.

3 DI PIETRO, Maria Sylvia Zenella. *Direito Administrativo*. 28 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

4 CAETANO, Marcelo. *Manual de Direito Administrativo*. Vol I. 10. ed. Coimbra: Almedina, 1997.



As divergências chegaram à Assembleia Legislativa, onde o deputado Gilton Garcia, sobrinho de Antônio Garcia Filho, posicionou-se em favor do que o seu parente defendia (BRETAS, 2014, p. 90). Dom Luciano reagiu (BRETAS, 2014, p. 90-91). Antônio Garcia reafirmou suas convicções (BRETAS, 2014, p. 91). Até que o Bispo Auxiliar e os membros do Conselho Estadual de Educação mudaram “a metodologia de participação na construção do anteprojeto”, convidando “o professor Antônio Garcia a participar de sua 51ª reunião ordinária da plenária da CESS/CEE/SE, no dia 17 de abril de 1966” (BRETAS, 2014, p. 93).

Dizia-se que o presidente João Goulart “só autorizaria a Universidade como fundação”. Então, o professor Manoel Cabral Machado, da Faculdade de Direito, “expôs a posição do Governo Federal e os motivos deste para tal posicionamento” (BRETAS, 2014, p. 94-95).

As aspirações dos sergipanos por uma Universidade vinham da década de 1950. Aumentaram na década seguinte, especialmente após a criação da Faculdade de Medicina, no governo de Luiz Garcia (1959-1962). Atravessou os governos de Juscelino Kubitscheck, Jânio Quadros e João Goulart. Aportaram no governo federal os militares com o golpe de estado de 1964, travestido de “revolução”.

Importante colaboração à criação da Universidade Federal de Sergipe foi dada pelo governador Seixas Dória, que seria arbitrariamente apeado do governo pelos militares, no início de abril de 1964:

A UFS começou a ser criada no ano de 1963, através da Lei nº 1.194, de 11 de junho, quando o governador do Estado de Sergipe, João de Seixas Dória, autorizou a transferência dos estabelecimentos de ensino superior existentes no Estado para a Universidade Federal de Sergipe (BRETAS, 2014, p. 35).

É inegável que o Estado e a Igreja uniram-se para a criação da Universidade Federal de Sergipe. As Faculdades então existentes e que se congregaram eram: Faculdade de Ciências Econômicas, Faculdade de Química, Faculdade de Direito (federalizada), Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (que ofertava os cursos de Filosofia, Letras Anglo-Germânicas, Matemática, Geografia, História e Pedagogia), Escola de Serviço Social e Faculdade de Medicina.

Pela letra do Decreto-Lei nº 269, de 28 de fevereiro de 1967, da lavra do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, a Universidade Federal de Sergipe foi criada. Enfim, a 15 de maio de 1968, no governo do presidente Artur da Costa e Silva, depois de muitas marchas e contramarchas, a UFS foi solenemente instalada com natureza fundacional, e cujo primeiro reitor foi o professor de Medicina, João Cardoso Nascimento Júnior, que, quando foi necessário, soube enfrentar a ditadura militar em defesa



dos seus alunos, que foram objeto de perseguições políticas, tão comuns naqueles tempos de chumbo (DANTAS, 1997, p. 101-106)⁵.

A Cidade Universitária e a expansão da UFS

A Universidade Federal de Sergipe foi criada para funcionar, inicialmente, de forma “espalhada”, nos diversos prédios onde estavam instaladas as Faculdades que a compunham, além da reitoria na Rua de Lagarto, esquina com a Rua de Maruim. Foram atravessados os anos finais da década de 1960 e a década de 1970. Nos meados desta, teve início a construção do Campus de São Cristóvão, sede da UFS, na antiga Fazenda Santa Cruz. Era reitor Luiz Bispo (1972-1976). A inauguração deu-se em 8 de agosto de 1980, pelo reitor José Aloísio de Campos (1976-1980). Tempo novo. Inquietações por parte da comunidade acadêmica:

Havia resistência para realizar a transferência imediata para a nova cidade universitária também por parte de alunos e funcionários que reclamavam das condições dos esgotos, sanitários, da ligação da rede externa de serviços telefônicos, do transporte e da ponte de acesso ao campus (SOUZA, 2015, p. 118)⁶.

Aloísio de Campos inaugurou o Campus/Sede antes de concluir todas as obras. Era o final da sua gestão na reitoria. O seu sucessor, Gilson Cajueiro de Hollanda, assumiu com a promessa de concluir as obras do novo Campus que recebeu o nome de “Cidade Universitária Professor Aloísio de Campos” (SOUZA, 2015, p. 119).

Aos poucos, tudo foi se ajeitando. As obras e instalações faltantes quando da inauguração do Campus foram sendo construídas e implantadas. Depois, veio a instalação do Campus da Saúde, que recebeu, mercidamente, o nome do professor João Cardoso Nascimento Júnior. Ali foi instalado o Hospital Universitário, onde funcionara por muitos anos o Hospital Sanatório de Aracaju, para o tratamento de pacientes atingidos pela tuberculose.

Ainda na década de 1970, a UFS criou o Festival de Arte de São Cristóvão, baseado no Festival de Inverno de Ouro Preto, realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais (SOUZA, 2015, p. 197). Surgiram, depois, o Museu do Homem Sergipano, o Cultart, o Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, a Editora UFS, a Rádio UFS, a Orquestra Sinfônica e assim por diante. Não se deve esquecer o Colégio de Aplicação – CODAP, originário

5 DANTAS, Ibarê. *A Tutela Militar em Sergipe – 1964/1984*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

6 SOUZA, Josefa Eliana. *História e Memória – Universidade Federal de Sergipe / 1968-2012*. São Cristóvão (SE): Editora UFS, 2015.



do antigo Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Sergipe, congregada, como é sabido, à UFS, na sua criação.

Passou o tempo. A Universidade Federal de Sergipe foi crescendo em número de cursos oferecidos. Era a hora de expandir-se, de modernizar-se e de ganhar outras plagas. Os avanços na UFS foram realizados em todas as gestões. Os reitores Eduardo Antônio Conde Garcia (1984-1988), primeiro reitor eleito e sucessor de Gilson Cajueiro de Hollanda (1980-1984), Clodoaldo de Alencar Filho (1988-1992), Luiz Hermínio de Aguiar Oliveira (1992-1996), José Fernandes de Lima, o primeiro reitor a ser reeleito (1996-2004), Josué Modesto dos Passos Subrinho (2004-2012), também reeleito, muito contribuíram para o processo de aprimoramento, modernização e expansão da UFS. Na gestão de José Fernandes de Lima, por exemplo, foi construído o prédio da Didática IV, para atender a demanda por salas de aula em face do aumento de cursos e vagas.

A partir da gestão de Josué Modesto dos Passos Subrinho, com o incremento orçamentário-financeiro advindo do REUNI, a expansão da UFS agigantou-se. Novos prédios foram construídos. Era chegada a hora de a UFS tomar o rumo do interior.

A primeira cidade interiorana a receber um Campus da UFS foi Itabaiana com o Campus Professor Alberto Carvalho. Viriam a seguir os Campi de Laranjeiras, Lagarto, denominado Antônio Garcia Filho, todos na gestão de Josué Modesto, e Nossa Senhora da Glória (Sertão), instalado na atual gestão. Nesta gestão, foi consolidada a construção do Campus de Lagarto, que, antes, funcionava numa escola estadual cedida para tal fim. Mais recentemente, o governo do Estado cedeu o Hospital Regional de Lagarto, que passou a ser administrado pela EBSEH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, que já administrava o Hospital Universitário, em Aracaju, através do contrato celebrado com a UFS (Contrato nº 141/2013).

Também há pouco tempo, A EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias cedeu, por comodato, as terras de uma fazenda experimental encravada entre os municípios de Feira Nova e Nossa Senhora da Glória para a construção do Campus definitivo, no sertão. Por ora, o Campus funciona provisoriamente em um imóvel cedido pelo governo do estado, na zona urbana de Nossa Senhora da Glória. Assim como em Lagarto, na área da saúde, no sertão a metodologia aplicada nas aulas é do tipo PBL. Como se sabe, o Aprendizado Baseado em Problemas (Problem-Based Learning - PBL) destaca o uso de um contexto especial para o aprendizado, promove o desenvolvimento da habilidade de trabalhar em grupo, e também estimula o estudo individual.



Atualidades

O panorama atual da Universidade Federal de Sergipe é de muito esforço para vencer a crise que se instalou no país, nos últimos anos, e, por conseguinte, nas Universidades federais. Com dotações orçamentárias e recursos financeiros contingenciados, a atual gestão vem lutando para que os serviços prestados pela UFS à sociedade sergipana não sofram solução de continuidade. O aprimoramento da gestão, a redução de custos, a dinamização dos procedimentos têm surtido efeitos benéficos.

As obras estão sendo tocadas. O montante de recursos aplicados desde novembro de 2012, início da atual gestão, que se encontra no segundo mandato, ultrapassa R\$ 161.000.000,00 (cento e sessenta e um milhões de reais). Obras paralisadas foram retomadas e muitas já foram concluídas. Reformas indispensáveis foram ou estão sendo realizadas. No total, são 43 obras de suma importância para toda a Universidade, em seus diversos Campi.

Na parte acadêmica, podem ser citados números importantes, que aferem o crescimento da UFS.

Entre 2004 e 2017 o número de docentes permanentes aumentou de 461 para 1.486, representando um crescimento de 220%. O número de docentes com doutorado passou de 165 para 1.132, crescendo, pois, 600%. O percentual de qualificação docente (doutorado) subiu de 35% para 77% do total.

Em igual período, o número de vagas na graduação presencial saltou de cerca de 2.000 para 5.720, um crescimento de quase três vezes mais. O número de alunos matriculados na graduação presencial passou de 10.498, em 2004, para 24.350, em 2017, com um crescimento de 130%. Dos alunos matriculados em 2017, 12.377 (50,8%) ingressaram através das cotas.

Dados de 2017, relativos aos Campi, individualmente considerados:

- São Cristóvão: 17.934 alunos; 959 docentes; 792 técnicos; 81 opções de curso.
- Aracaju (Saúde): 1.590 alunos; 154 docentes; 405 técnicos; 4 opções de curso.
- Itabaiana: 1.900 alunos; 120 docentes; 50 técnicos; 10 opções de curso.
- Laranjeiras: 777 matriculados; 48 docentes; 17 técnicos; 6 opções de curso.
- Lagarto: 1.290 matriculados; 167 docentes; 166 técnicos; 8 opções de curso.
- Sertão: 340 matriculados; 36 docentes; 20 técnicos; 4 opções de curso.



Ainda entre 2004 e 2017, o número de programas de pós-graduação aumentou de 09 para 68. Mestrados acadêmicos, de 08 para 44; mestrados profissionais, de 1 para 14; doutorado, de 1 para 16.

Entre 2008 e 2017, o número de alunos matriculados em programas de pós-graduação aumentou de 708 para 2.415, representando um acréscimo de 240%, assim divididos: em mestrados acadêmicos, de 562 para 1.546, com crescimento de 175%; em mestrados profissionais, de 34 para 178, com crescimento de 420%; e em doutorados, de 112 para 691, aumento de 516%.

Na expansão da estrutura física, a área construída da UFS passou de 99 mil m² para 204 mil m², um acréscimo de 106%, entre 2005 e 2016. O número de salas de aula cresceu 121%, passando de 141 para 312 salas. O número de laboratórios passou de 162 para 312, crescendo 92%. O número de auditórios e mini-auditórios subiu de 16 para 41, com acréscimo de 156%.⁷

Conclusão

Passaram-se cinquenta anos. Do seu nascimento até hoje (1968-2018), a Universidade Federal de Sergipe tem-se mantido como um bastião do saber em terras sergipanas. O tripé que alicerça a educação superior, qual seja o ensino, a extensão e a pesquisa, tem sido levado avante pela dedicação dos seus professores, pelo trabalho dos seus técnico-administrativos e pelo entusiasmo dos seus alunos, somando-se a tudo isso o esforço de tantos quantos participaram e participam da gestão.

A UFS continuará trilhando o seu caminho. Um caminho que tem sido palmilhado no dia a dia com os solavancos dos tempos, com a tateante busca de bem servir ao povo sergipano e aos que vêm de outras plagas para beber da água do saber, que aqui se busca disseminar.

O tempo não retrocede. A Universidade Federal de Sergipe continuará avançando. O seu passado é História bem construída e documentada. O seu presente é História em formatação. O seu futuro só o tempo dirá. Entretanto, espera-se que nada lhe impeça de avançar. Amanhã, a História continuará a ser contada. Afinal, o mundo não anda para trás.

7 Todos os números citados foram extraídos do “Resumo Executivo N° 1/2017: O Crescimento da UFS entre 2004 e 2017”, publicado em agosto de 2017, pela Pró-Reitoria de Planejamento da UFS.

